

ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: PROBLEMAS DE REPRESENTAÇÃO EM MONGÓLIA E O FILHO DA MÃE, DE BERNARDO CARVALHO

JÉSSICA VAZ DE MATTOS¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – jessicamattos@me.com

²Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado *Entre literatura e história: problemas de representação em Mongólia e O filho da mãe, de Bernardo Carvalho*, pretende verificar, por meio da Literatura Comparada, de que forma se dá a relação entre história e literatura na obra ficcional do escritor brasileiro supracitado em seus livros de 2003 e 2009, respectivamente, bem como a problemática da representação que é fruto dessa relação. Estes textos foram escolhidos devido a seus temas que, além de proporcionar o envolvimento do público leitor por meio do desconforto que causam ao fazê-lo sair de seu lugar, fazem referências a países e suas realidades factuais — a saber, no primeiro livro, Mongólia (com sua localização e relação historicamente conturbada com a Rússia, ao norte, e a China, ao sul) e, no segundo, Rússia (abarcando também a ligação bélica conflituosa que vem mantendo com a Tchetchênia, país vizinho).

A relevância da pesquisa dá-se pelo fato de que os referidos textos propiciam experiências ao leitor brasileiro a respeito de realidades espaço-culturais que não são a dele e que, de outro modo, talvez não lhe chegassem às mãos. Assim, a partir destes livros é possível ter conhecimento sobre alguns aspectos desses países, que divergem profundamente do modo ocidental de ser e de compreender o mundo. Nesse sentido, Bernardo Carvalho oportuniza o contato com aquilo que é *diferente* e com o processo histórico que está por trás de sua formação. Trazer para discussão temáticas dessa natureza, portanto, mostra-se importante, pois assim é possível ampliar os estudos nessa área e provocar debates futuros no âmbito acadêmico e na sociedade, de modo geral.

Para pensar a estreita relação entre literatura e história aqui, utilizamo-nos principalmente dos estudos de LIMA (2006), BACCEGA (2011), DALCASTAGNÈ (2008), RICOEUR (2012), CHARTIER (2002), LUKÁCS (2011), MIGNOLO (2001), entre outros. Portanto, a análise dos textos literários neste trabalho está baseada nos conceitos apresentados pelos teóricos supracitados, considerando que tanto a história quanto a literatura são narrativas, que apresentam características específicas em seus discursos, mas se complementam e se entrecruzam.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, tanto nos textos literários *Mongólia* (2003) e *O filho da mãe* (2009), quanto em textos teóricos das áreas de Literatura e de História. Por meio do método comparatista os textos são relacionados, a fim de observar como se dá o entrecruzamento dos dois modos discursivos nos textos ficcionais de Carvalho e os problemas de representação que isso acarreta. Vale ressaltar que a partir desses entrecruzamentos surge uma forma interessante de tentar compreender o mundo, pois se obtém um olhar mais rico a respeito do objeto em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro *Mongólia* (2003) o autor problematiza a visão de um sujeito ocidental a respeito do povo mongol, trazendo à tona a história do referido país, cuja relação com os países com os quais faz fronteira — Rússia, ao norte; China, ao sul — é estreita e conflituosa. A narrativa é conduzida, em sua maior parte, por um narrador que, lançando mão de alguns diários de viagem entregues a ele pela personagem Ocidental (diplomata brasileiro), vai entremeando os discursos de um jovem fotógrafo brasileiro desaparecido na Mongólia e os do próprio Ocidental que, estando em serviço diplomático em Pequim, por ordens superiores é incumbido de encontrar o fotógrafo sem o apoio das autoridades mongóis. Desgostoso pela missão que deveria cumprir, chega ao país contrariado. Aos poucos, reconstrói o percurso feito pelo desaparecido meses atrás, escrevendo em seu diário, durante este período, as impressões que tinha sobre aquela cultura que lhe parecia muito diferente da sua. Logo contata o guia turístico que prestou serviços ao fotógrafo naquela época e tem acesso aos diários e demais pertences dele. Quando o Ocidental finalmente encontra o rapaz, encerra a busca e volta com ele (apelidado de *Buruu nomton*, o “desajustado”, pelos mongóis) para o Brasil, entrega todos os documentos e diários que havia juntado ao diplomata que lhe havia incumbido da missão — que, não coincidentemente, é o narrador.

Ao longo da narrativa, percebe-se a visão contaminada do Ocidental a respeito do oriente: a partir de contextualizações históricas sobre a China, país em que, primeiramente, foi designado a trabalhar, ele demonstra o quanto aquela cultura parece-lhe desprovida de qualquer profundidade. A personagem fala, também, sobre os problemas das cidades de Xangai e de Pequim, mas os justifica historicamente, trazendo à tona os anos de comunismo brutal que, a seu ver, ensinou o povo a construir coisas, sem refletir sobre elas. De Pequim a personagem se desloca a Ulaanbaatar, capital da Mongólia, e lá descobre mais informações a respeito da história do país, que sofreu dominação territorial tanto do vizinho ao norte quanto do vizinho ao sul, e que tem por característica principal o nomadismo — durante o percurso feito pela personagem, na busca do desaparecido, encontram-se iurtas, típicos acampamentos dos nômades mongóis —. Ainda, percebe-se pelos excertos transcritos dos diários a relação dos mongóis com russos e cazaques (estes, aliás, habitam diferentes regiões do território mongol). Ao longo do texto, portanto, tem-se acesso a uma problemática contextualização histórico-cultural sobre a formação do país, num espaço diegético que vai da capital a outras várias cidades pequenas do interior.

Em *O filho da mãe* (2009), por sua vez, Carvalho problematiza, dentre outros temas secundários, uma história de amor entre dois rapazes que, por inúmeros motivos, acaba sucumbindo ao contexto sociocultural em que estão inseridos. O espaço diegético da narrativa é, majoritariamente, a cidade de São Petersburgo, na Rússia, em meio à Segunda Guerra da Tchetchênia. As personagens que protagonizam tal desventura são Ruslan, tchetcheno, e Andrei, russo, ambos com trajetórias de vida diferentes, porém afetados pelo mesmo contexto opressor. O tchetcheno, após a morte da avó (figura que lhe criou, junto ao pai) num campo de refugiados da guerra em Grózni, decide procurar por sua mãe (que o havia abandonado ainda bebê) na cidade de São Petersburgo. Já o jovem russo é obrigado a servir ao Exército por conta das amarguras pessoais de seu padrasto, que faz de tudo para que ele seja um recruta. Por um lado, o tchetcheno não é acolhido pela mãe conforme esperava; por outro, o russo é obrigado a se prostituir para salvar as finanças do exército. Assim, numa noite após um programa, Andrei caminha desconfiado pelas ruas de São Petersburgo e

é assaltado por Ruslan: a partir de então, os dois passam a andar juntos em busca de uma solução para seus problemas e acabam se apaixonando. Ruslan já havia tido outros relacionamentos anteriormente, e Andrei já havia fantasiado a respeito de outros homens; entretanto, ambos escondiam seus verdadeiros desejos perante uma sociedade que não tolerava homossexuais. Deste modo, aprenderam a amar entre ruínas.

Nesse sentido, o autor propõe no texto não apenas uma reflexão sobre a opressão de determinados regimes estatais, mas também a intolerância, o preconceito, a identidade e as diferenças de nacionalidade, pois traz à narrativa uma guerra em que estão envolvidas questões políticas e econômicas, mas, principalmente, étnicas — há vários conflitos entre os dois países, de acordo com o que é exposto na trama. Ao longo da narrativa, percebe-se que a hostilidade entre russos e tchetchenos tem proporções enormes, de modo que onde existe um, não pode existir o outro. Portanto, pode-se pensar que não há possibilidade de aceitação das diferenças, numa sociedade conservadora como a russa (conforme o que é representado no texto), que vive há séculos em conflito interno e externo — apesar dessas diferenças existirem, são forçadas a não “aparecer”. Não ocasionalmente, ambas as personagens morrem na narrativa por conta dessa não-aceitação.

4. CONCLUSÕES

Assim, considerando a pluralidade que se encontra diariamente no mundo, desde os aspectos mais naturais ou biológicos e chegando mesmo aos comportamentos sociais, que variam conforme a região em que vive determinada população, estudar diferenças (historicamente construídas e, do mesmo modo, justificáveis) pode sempre proporcionar uma riqueza em material de pesquisa para a ciência, no sentido de que seus resultados colaboram para um aprimoramento intelectual — poder-se-ia dizer ético e/ou até mesmo moral — da sociedade. Diante de uma leitura, como se sabe, um sujeito pode deparar-se com certos questionamentos que não formularia sozinho, quer seja por não estar preparado para isso, quer seja por não conseguir enxergá-los por si só, etc.

Vale ressaltar que as obras não possuem um sentido estável, universal, imóvel. Mas elas são, sim, investidas de significações plurais e móveis, construídas na negociação entre uma proposição e uma recepção, ou seja, no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas dos públicos que delas se apropriam (CHARTIER, 2002). Nesse sentido, sabendo que os significados atribuídos ao texto variam de acordo com cada sujeito que o lê, acreditamos que, a partir da provocação que é feita na leitura, um leitor pode se sentir desacomodado e, em seguida, procurar um novo ângulo, isto é, uma nova possibilidade para encarar aquilo que encontra na narrativa e, assim, refletir sobre o motivo do desconforto inicial. RICOEUR (2012) afirma que fazer aparecer um leitor desconfiado é, por excelência, uma função da literatura, de modo que ela deve proporcionar ao seu público motivos para desconfiança. Além disso, ressaltamos que outra função da arte pode ser a de questionar a seu tempo e a si mesma, nem que seja através do questionamento do nosso próprio olhar (DALCASTAGNÉ, 2008). Daí a importância dessas representações nos textos literários. Finalmente, ressaltamos que a consciência de si — que pode surgir como consequência de diferentes leituras —, por assim dizer, forma-se de um modo mais completo quando composta por viéses distintos (quer sejam olhares ou leituras), como de fato acontece num estudo comparatista desta natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**. História e literatura. São Paulo: Editora Ática, 2011. 96 p.
- CARVALHO, Bernardo. **Mongólia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 187 p.
- _____. **O filho da mãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 201 p.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Miraflores: DIFEL, 2002. 244 p.
- _____. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar (Org). **Roger Chartier**. A força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2013. p.21-53
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 297 p.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes na sombra: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008. p.78-103
- DETIENNE, Marcel. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Idéias & Letras, 2004. 152 p.
- DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982. 315 p.
- LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade**. Formas das sombras. São Paulo: Graal, 2003. 295 p.
- _____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 434 p.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005. 159 p.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011. 344 p.
- MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio (Org). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EdUSP, 2001. 280 p.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. O tempo narrado. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 498 p.
- ROCHA, João Cezar. **Roger Chartier**. A força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2013. 291 p.
- WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: _____. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a Crítica da Cultura. São Paulo: EdUSP, 2001. p.97-116
- ZILBERMAN, Regina. Leitura e materialidade da história da literatura. In: ROCHA, João Cezar (org). **Roger Chartier**. A força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2013. p.141-170